



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

ANA LUIZA DE PAIVA FRANÇA

**AS RELAÇÕES DE OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO SEXUAL ENTRE SENHORES
E MULHERES NEGRAS, NA PEÇA *SOBRADOS E MOCAMBOS*, DE HERMILO
BORBA FILHO**

**PATU
2023**

ANA LUIZA DE PAIVA FRANÇA

**AS RELAÇÕES DE OPRESSÃO E VIOLÊNCIA SEXUAL ENTRE SENHORES E
MULHERES NEGRAS, NA PEÇA *SOBRADOS E MOCAMBOS*, DE HERMILO
BORBA FILHO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa.

**Orientadora: Prof^a. Dra. Beatriz Pazini
Ferreira**

**PATU
2023**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

P149r Paiva França, Ana Luiza
As relações de opressão e exploração sexual entre senhores e mulheres negras, na peça Sobrados e mocambos, de Hermilo Borba Filho. / Ana Luiza Paiva França. - Cap-UERN, 2023.
42p.

Orientador(a): Profa. Dra. Beatriz Pazini Ferreira.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. Sobrados e Mocambos. 3. Sociedade patriarcal. 4. Corpo da mulher negra. 5. Exploração sexual. I. Pazini Ferreira, Beatriz. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ANA LUIZA DE PAIVA FRANÇA

**AS RELAÇÕES DE OPRESSÃO E VIOLÊNCIA SEXUAL ENTRE SENHORES E
MULHERES NEGRAS, NA PEÇA *SOBRADOS E MOCAMBOS* DE HERMILO
BORBA FILHO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa.

Aprovado em:04/04/2023

Banca examinadora

Beatriz Pazini Ferreira

Prof^a. Dra. Beatriz Pazini Ferreira (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Annie Tarsis Moraes Figueiredo

Prof^a. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Michel de Lucena Costa

Prof. Dr. Michel de Lucena Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À minha família e amigos. Em especial, a minha avó Firmina Maria de França, mulher preta, de determinação, força e coragem (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me guiou nesse processo de constância, me dando forças para prosseguir na caminhada. Em seguida, a minha família, principalmente meus pais que me incentivaram desde o início acreditando em mim. Também as minhas colegas e amigas Emanuela e Laura que me apoiaram nos momentos de dificuldade. À todo(a)s os professores que compartilharam comigo essa estrada de luta pelo conhecimento, valorizando a universidade pública que abriu portas permitindo que esse sonho acontecesse. Em especial ao meu amor Victor Ferreira, meu principal apoiador.

Sou grata as minhas primas Dayse e Dayalla que mesmo de longe torciam por mim e acompanharam esse processo de escrita. Agradeço pelas palavras de incentivo, de força e carinho. Essa conquista é nossa. Agradeço em especial a minha tia Joana Darc Marques de Paiva por tudo que fez por mim para que eu continuasse no caminho do saber e na luta pelo conhecimento.

Não posso deixar de mencionar toda a dedicação e atenção da minha orientadora Profa Dra Beatriz Pazini Ferreira que acreditou na nossa pesquisa e permitiu que ela se realizasse. Agradeço também pelas partilhas nas pesquisas dos grupos PIBIC e Projeto de Extensão Cineatro, os quais fui acolhida. Meu muito obrigada a também Profa. Dra Annie Tarsis Morais Figueiredo que acompanhou meu percurso de formação na universidade ministrando a disciplina de literatura portuguesa, e que também contemplara a banca de defesa, participando de mais esse processo tão especial para a minha formação. Agradeço também ao professor Dr. Michel de Lucena Costa pelas sugestões e pela atenção à pesquisa desde a época do projeto de monografia.

“Ser mulher, ainda hoje, é saber e ter a consciência da luta pelo respeito e dignidade como uma pílula diária. Ser mulher negra, é um tanto mais intenso, porque a dose desse remédio diário se faz mais necessária pela possibilidade de se manter viva” (CUSTÓDIO, Mônica, 2022, s.p).

RESUMO

Esta pesquisa analisa as relações de abuso e exploração sexual entre Senhores e mulheres negras escravizadas e disserta sobre a posição da mulher negra em meio a sociedade patriarcal do século XIX, a partir da obra *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho. Baseamos em autores como Gilberto Freyre (2000); Leila Gonzales (1984); Michel Foucault (1979) e Chimanda Adichie (2009) os quais colaboraram para que fosse possível compreender e tratar de um assunto tão delicado que diz respeito a história íntima do nosso país, pois refere-se a discussão do corpo da mulher negra como instrumento violentado e sexualizado ao longo dos séculos. Em virtude disso, a nossa pesquisa que possui o método dedutivo-indutivo analisa, a partir de *Sobrados e Mocambos*, a estrutura patriarcal e opressora em que as mulheres africanas viveram no século XIX. Desta forma, as inclinações que motivaram o nascimento desta pesquisa partem do interesse pessoal, social e acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: *Sobrados e Mocambos*. Sociedade patriarcal. Corpo da mulher negra. Exploração sexual.

ABSTRACT

This research is aimed at analyzing the relationships of abuse and sexual exploitation between masters and enslaved black women and to discuss the position of black women in the midst of the patriarchal society of the 19th century, based on the play *Sobrados e Mocambos* by Hermilo Borba Filho, based on authors such as Gilberto Freyre (2000) Leila Gonzales (1984) Foucault (1979) and Chimanda Adichie (2009), who collaborated to make it possible to understand and deal with such a delicate subject to which the intimate history of our Country, as it refers to the discussion of the black woman's body as a violated and sexualized instrument over the centuries. As a result, our research uses the deductive-inductive method, in order to analyze and document, from excerpts from Borba Filho's work, the patriarchal and oppressive structure in which African women lived in the 19th century. In this way, the inclinations that motivated the birth of this research come from personal, social and academic interest.

KEYWORDS: Houses and Mocambos. Patriarchal society. Black woman's body. Sexual exploitation.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 A MARGINALIZAÇÃO AO CORPO FEMININO NEGRO.....	13
2.1 O estupro colonial: miscigenação e mulheres negras	19
2.2 A mulher africana: um símbolo de luta e resistência.....	22
3 AS RELAÇÕES DE OPRESSÃO E VIOLÊNCIA SEXUAL: AS MULHERES NEGRAS EM SOBRADOS E MOCAMBOS, DE HERMILO BORBA FILHO	26
3.1 A condição da mulher negra em meio a sociedade patriarcal brasileira do século XIX	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as relações de abuso e de exploração sexual ocorridas entre os senhores e mulheres negras escravizadas no século XIX, a partir da peça de Hermilo Borba Filho, *Sobrados e Mocambos*, que denuncia através da arte a nossa estrutura social racista e misógina. A peça é uma releitura de *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre (1900-1987) e narra a decadência do patriarcalismo do século XIX e tem como cenário o Brasil rural daquela época.

Visto isso, a nossa pesquisa tem por tema "as relações de abuso de poder e exploração sexual entre os senhores e mulheres negras na sociedade escravagista do século XIX, na peça *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho. Partindo por este viés, buscamos: identificar as relações de abuso e exploração sexual na qual as mulheres negras escravizadas foram vítimas na peça e dissertar sobre a posição da mulher negra em meio a uma sociedade patriarcal do século XIX.

A escravidão de negros no Brasil teve início em 1530 quando se iniciou a chegada dos primeiros navios de tráfico negreiro, negócio formado por colonizadores que necessitavam de mão de obra barata para o trabalho nas lavouras de açúcar. Por meio dessa instituição cruel e desumana, que se perpetuou por 300 anos no Brasil, milhares de africanos sofreram com a exploração e o abuso de poder dos intitulados coronéis, sofrimento esse que continuou a atravessar décadas e perdurar vítimas.

A partir deste cenário de decadência do colonialismo no século XIX, a sociedade brasileira constituída pelo patriarcalismo, continuava escravizando e violentando mulheres negras. O Brasil que foi um dos últimos países a aderir à abolição, se manteve com sua estrutura racista e escravocrata. As mulheres afro-brasileiras foram umas das principais vítimas desse sistema patriarcal, pois além do trabalho doméstico escravo, eram tidas como "posse" dos senhores da casa grande, e tinham seus corpos constantemente agredidos sendo comparados a animais e objeto de uso sexual.

Esta pesquisa nasceu através da disciplina Seminário de Monografia II, do curso de Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas da Universidade do Estado do Rio grande do Norte-UERN, Campus Avançado de Patu - CAP. Inicialmente, destacamos o interesse pessoal pelo teatro popular brasileiro e a afinidade com o Projeto de Extensão Cineatro, ao qual a pesquisadora faz parte, e que foi fundado pela professora Dra. Beatriz Pazini Ferreira.

Em seguida, ressaltamos a importância acadêmica e científica da nossa pesquisa: dissertar a estrutura racista e patriarcal da sociedade brasileira escravagista do século XIX, a partir da peça de Hermilo, que nos mostra a história de muitas mulheres negras africanas que foram silenciadas e violentadas pelo sistema social, patriarcal.

É importante salientar também, o valioso fato de poder estudar e conhecer um pouco mais sobre a história de luta e de sobrevivência das nossas antepassadas que foram e continuam sendo um símbolo de coragem e resistência no combate contra o racismo, escravidão e o abuso sexual, do qual gerou-se grande parte da nossa nação miscigenada.

Apesar de muitos trabalhos já realizados em meio essa obra tão emblemática de Borba Filho, discutir sobre o corpo negro dentro do contexto histórico brasileiro é algo necessário e atual, pois remete a uma batalha que ainda não foi totalmente vencida, principalmente se tratando do corpo negro feminino, com ênfase no negro-feminino, porque remete a duas formas de opressão social a que classifica por raça\cor e a que oprime por sexo-gênero.

Segundo Durão (2020), a literatura toma corpo em um contexto histórico específico e consegue sobreviver a ele e falar de tempos futuros. Desse modo, ela tem a importante função de representar e descrever acontecimentos que marcaram o passado e que ainda conseguem tocar o presente. Em virtude disso, a nossa pesquisa se processa sobre a temática de analisar as relações de abuso de poder e a exploração sexual entre senhores e mulheres negras na sociedade, a partir de uma perspectiva racista e patriarcal em que as maiores vítimas foram as mulheres negras.

Mediante a isto, buscamos responder a esses questionamentos que partem da história de luta pela sobrevivência e resistência do corpo da mulher negra. O objeto dessa pesquisa se faz bibliográfico, pois é constituído por meio de apurações que advém de matérias como artigos, textos e teorias que auxiliarão para que possamos encontrar respostas as questões propostas.

Para Gil (2002), a pesquisa consiste em um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo responder aos problemas que são propostos. Portanto, a nossa pesquisa se desenvolveu por meio de um processo de investigação realizada através dos conceitos abordados por teóricos e autores como Gilberto Freyre (2000), Michel Foucault (1979) Léila Gonzales (2019) e Chimanda Adichie. (2009). Por meio disso, o objetivo da nossa pesquisa é analisar as relações de

opressão e exploração sexual entre senhores e mulheres negras na sociedade escravagista do século XIX a partir da peça *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho. Desse modo, a nossa pesquisa se classifica como indutiva-dedutiva, pois parte de análises feitas sob o olhar crítico de autores e sociólogos que investigaram a sociedade escravagista e patriarcal brasileira, partindo sob fatos que realmente ocorreram na história do nosso país.

O teatro popular brasileiro carrega um peso cultural muito extenso, pois é através dessas manifestações artísticas que a arte e a literatura chegam as camadas menos favorecidas da sociedade. Quando falamos em teatro popular é importante salientarmos a proximidade dessas obras artísticas com o público das ruas, das praças e do teatro, pois refletem uma história que pertence a todos. Houve uma época em que o teatro era limitado ao público elitizado e, com o passar do tempo, tornou-se popular, pois começou a tocar nas mais diversas feridas sociais, levando o público a refletir e ter uma visão crítica dos fatos. Passando a ser não só um entretenimento, mas também uma ferramenta de poder e informação.

É por meio desse contexto histórico, na qual a obra se baseia, que examinaremos a opressão e sujeição sofrida pelo corpo negro feminino escravizado. A escravidão, embora estivesse na sua fase mais decadente e enfraquecida, as mulheres permaneciam oprimidas aos comandos designados pelos homens. Portanto, a literatura hermiliana armazena e recupera as mais internas memórias encobertas pelas feridas sociais e sendo útil também para a desconstrução e busca por mudança.

Terry Eagleton (2017), destacou que uma das maneiras mais usuais de desconsiderar a "liberdade" de uma peça ou um romance é tratar seus personagens como se fossem pessoas de carne e osso. De todo modo, a personagem fictícia de uma peça de teatro, embora só exista ali naquele momento da encenação consegue despertar nas pessoas, um certo tipo de encantamento e identificação, ou até mesmo, empatia. Em torno disso, considerar o passado como uma lição de ações as quais não podemos repetir, é uma forma de conscientizar a população sob os regimes classistas e racistas que se perpetuam como ideologias na sociedade atual como forma de retrocesso. Por este motivo, a literatura e a arte surgem como aliadas neste processo de informação e percepção de ideias as quais não devemos seguir ou permitir que se instaurem novamente.

2 A MARGINALIZAÇÃO AO CORPO FEMININO NEGRO

Terry Eagleton (2017) relatou em uma passagem de seu livro que "o teatro pode nos ensinar alguma verdade, mas é a verdade da natureza ilusória de nossa existência." Com base nisso, refletimos em torno do efeito causado pelo impacto de uma obra teatral para nós seres humanos, pois contempla o mais íntimo das representações dos nossos sentimentos.

Em um trecho da obra *Sobrados e Mocambos*, o narrador ressalta que o homem mesmo morto, ainda é de certo modo, um sujeito social. Se considerarmos o fato de que as pessoas morrem, mas deixam suas ideologias se perpetuarem entre seus descendentes, o patriarcado é um exemplo, no qual o homem se baseia para ordenar o seu poder perante a sociedade, e continuar perpassando os séculos segundo a mesma estrutura racial, social e aristocrata. Borba Filho contempla em sua literatura várias vozes que foram silenciadas pelo tempo e opressão do regime burguês. É através das suas obras e seus personagens, que podemos ver sofrimento, luta e continuidade das raças que foram excluídas e caladas pelo sistema.

A peça divide-se em oito quadros¹, assim intitulados, em ordem: "Pai e filho"², "Interlúdio joco-sério", "A mulher e o homem", "Interlúdio da negritude", "Raça, classe e região", "Interlúdio com fantasmas e guerreiros", "Interlúdio final dos mandos e desmandos" e "O fim". No entanto, nossa pesquisa será voltada apenas a análise do interlúdio: Pai e filho, que narra a disputa dos senhores pela escravizada pela personagem Semprevida e "Joco-Sério" onde destacamos a opressão e tortura feitas pelo regime imperialista as mulheres escravizadas com enfoque na personagem Luiza.

Com base nessa perspectiva da literatura e arte de Borba Filho como fonte de crítica e demonstração do passado sombrio do escravagismo brasileiro, podemos ter uma demonstração literária como fonte de testemunho: "Portanto, trata-se de uma literatura de testemunho onde é apresentado, no plano ficcional, e ecoa os fatos e os acontecimentos vigentes da época, mas também clama pelos oprimidos, pelos esquecidos" (FERREIRA, 2019, p. 137). E é com base nessa literatura de testemunho, que o dramaturgo insere em *Sobrados e Mocambos* acontecimentos que marcaram pelo homem toda uma geração que surgiu atravessando o século XIX. Evidenciando

¹ "Unidade da peça do ponto de vista das grandes mudanças de lugar, de ambiente ou de época. A cada quadro corresponde, na maior parte do tempo, um cenário particular [...] quadro é uma superfície muito mais vasta e de contornos imprecisos que recobre um universo épico de personagens cujas relações bastante estáveis dão a ilusão de formar um afresco, um corpo de baile ou um quadro vivo" (PAVIS, 2008, p. 313).

² Não há o título escrito "Pai e Filho", como nos outros quadros. Contudo há uma rubrica, o negro coloca o cartaz Pai e filho: "Entra um negrinho vestido de pajem e coloca a um canto da cena um cartaz, com pedestal, nele estando escrito: Pai e Filho (BORBA FILHO, 2007d, p. 209).

que é necessário falar sobre a desigualdade social que sempre dividiu o país por raças, e das classes sociais dominantes que enriqueceram com o trabalho escravo, nesse contexto de exploração ao qual o homem possui a total responsabilidade.

Entretanto, não podemos deixar de comentar sobre a opressão e exploração sofrida pela mulher negra daquela época em que se passava o contexto histórico da obra *Sobrados e Mocambos*. Para isso é essencial destacarmos aqui um trecho dos escritos de Antonio Candido:

comparada ao texto, à personagem cênica tem a grande vantagem de mostrar os aspectos esquematizados pelas orações em plena concreção e, nas fases projetadas pelo discurso literário descontínuo, em plena continuidade. Isso comunica à representação a sua força de "presença existencial" (CANDIDO,2000, p. 7).

Isso valida à força da personagem que carrega a função de representar acontecimentos que sobressaem o real. A condição da mulher negra, escravizada e tida como objeto dos senhores donos de terras, que tinham uma posição de poder estabelecida pelo patriarcalismo social.

Hermilo Borba Filho foi um escritor, crítico, jornalista e dramaturgo que nasceu no dia 07 de julho de 1917 em um município chamado Engenho Verde, Palmares, em Pernambuco. O também diretor de teatro se destinou a representar em suas obras a história das minorias brasileiras, sendo o portador daqueles que foram esquecidos socialmente. Em 1972, escreveu *Sobrados e Mocambos* e relatou boa parte do período colonialista e seus impactos sociais.

Sobrados e Mocambos é uma peça teatral que narra a história de colonizadores que com o declínio do regime escravocrata, tiveram que se mudar para sobrados em áreas urbanas. O texto literário conta a história de como a sociedade brasileira do século XIX era formada. Na peça, vemos como era formada as relações dos homens como o centro do poder patriarcal e a opressão sofrida pelas mulheres, em específico, as escravizadas que eram as maiores prejudicadas pela repressão e sujeição da sistematização escravagista.

No excerto da peça destacado a seguir, temos o discurso patriarcal do senhor da casa grande, em que percebemos a figura representada dos homens e da conduta de toda a sociedade em geral no final do século XIX. Senhor: "meu filho vai ser doutor para bacharel estudar. Já goza com sua prima antes mesmo de casar." (BORBA FILHO,1971, p.12). Aqui é perceptível a influência do patriarcalismo social que coloca

o homem como o centro dominador, sendo criado desde cedo para exibir sua masculinidade sobre o corpo feminino.

Sabemos do fardo estrutural de ser uma mulher perante uma sociedade que é construída em torno dos privilégios de um homem, mas, esse peso representacional da figura feminina que é tida como "inferior" aos homens, possuía um fardo muito maior nos séculos passados, principalmente se tratando de uma mulher negra ainda em regime escravagista. "Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo a colocam no nível de opressão" (LÉILA GONZÁLEZ, 1978, p. 409). Ou seja, assim temos uma mínima noção da violência escancarada no qual as mulheres negras sofreram no período da escravidão, pois os seus corpos eram constantemente violados pelo regime opressor do colonizador.

O que também precisa ser salientado a respeito de como foi se tornando cultural vulgarizar e sexualizar a mulher negra africana, é a relação do peso maternal que foram impostos a elas no período escravista, pois foram através dessas mulheres que muitos tiveram os seus primeiros acalentos pela amamentação, os primeiros cuidados e colo, visto que cada criança da casa grande tinha direito a uma ama de leite. A mulher africana, antes de mais nada, foi a mãe dos seus filhos e dos filhos das senhas durante todo o período da escravidão, além de lidar com a perda de muitos dos seus biológicos para a desnutrição, venda e mortes por condições precárias, também possuía a função de cuidar dos filhos das senhoras, dando-lhes tudo o que não podia ofertar aos seus.

Mas é preciso distinguir que a naturalização da opressão a mulher negra foi se enraizando socialmente, e conseqüentemente, tornando-se natural aos costumes e a cultura de forma que podemos ver os reflexos ainda na atualidade. Gilberto Freyre (1900-1987), em algumas de suas obras, fala a respeito das relações entre senhores e escravizados e como isso pode ter influenciado socialmente a junção cultural e étnica brasileira. Embora, Freyre tenha sido um dos primeiros a falar sobre o negro com protagonismo, é evidente que em alguns momentos o autor retrata as relações do opressor e escravizado como fator positivo, romantizando um lado obscuro da história da humanidade.

Na visão de Freyre, essa mistura de raças ao qual integrou os africanos, brancos e indígenas foi responsável por formar uma raça com maior potencial e mais forte. Porém, por trás dessa miscigenação que é tão glorificada, está a violência ao

corpo feminino negro. Silva da Cruz (2020) descreve a obra freyriana como uma literatura que sexualiza a mulher negra, atribuindo-lhes um papel de endeusamento que advém devido suas características físicas e ao fator sexual.

O patriarcado no século XIX possuía uma força arrebatadora. Freyre (2000) o coloca como o centro estrutural que engloba a sexualidade e a relação de homem e mulher como sistema reprodutor. Dessa forma, a mulher negra era atribuída a um papel inferior a mulher branca. Silva da Cruz (2020) inclusive, cita que o sociólogo quando se referia ao patriarcalismo como uma das ferramentas de dominação, ele apenas cita a mulher branca, esquecendo-se do lugar marginalizado das mulheres negras. Desse modo, a existência em si da mulher negra era inferiorizada, pois enquanto a mulher branca era tida como uma figura religiosa e angelical de dominação do homem e da família, a mulher negra era como a representação sexual do diabo, simbolizando o desejo da carne, que possuía ao seu dono.

Em alguns momentos da história e da literatura, é notório que a relação do estupro as mulheres africanas e indígenas foram suavizadas. O próprio Gilberto Freyre trata dessa violência como um fator natural, como podemos ver aqui:

O intercuro sexual entre o conquistador europeu e a mulher índia não foi apenas perturbado pela sífilis e por doenças europeias de fácil contágio venéreo: verificou-se - o que depois se tornaria extensivo às relações dos senhores com as escravas negras - em circunstâncias desfavoráveis à mulher (FREYRE, 2020, p. 56).

Aqui, fica mais evidente que a história da miscigenação foi contada de uma maneira adocicada, negligenciando as vítimas e ocultando a violência causada pelo abuso sexual sofrido por essas mulheres. Por muito tempo se falou da relação do colonizador com a mulher negra como um símbolo de conquista e masculinidade do homem branco, mas por traz desse processo existiu o opressor e uma vítima.

O retrato da mulher negra que caracteriza a beleza e o símbolo sexual que vemos se perpetuar até hoje, nasceu nas senzalas. Essa figura constituída pela avidez do homem branco, no qual sexualiza e inválida a mulher negra pondo- lhe o papel de escrava sexual é, portanto, mais um mito construído em cima da imagem da mulher africana.

Esse mito visto no corpo negro feminino, representado pela mulata que sexualiza a mulher negra, acabou se tornando cultural, mas essas evidências tornam-se mais forte no período do carnaval, onde podemos ver a junção da mulata e do

samba, mais um indício da sistematização social que estereotipa e marginaliza tudo o que vem da cultura afro-brasileira.

Percebemos, através da personagem *Sempreviva*, esse estereótipo em torno da mulher africana escravizada, cujo o próprio nome dado a mesma possui um símbolo pejorativo, visto que a personagem é tida pelos senhores da casa grande como um atributo de libido sexual incansável, pois sempre tem que estar à disposição do desejo do seu senhor:

Senhor: direitos eu tenho, posso sobre o corpo, sobre a alma, daqueles que me pertencem, quer sejam por mim comprados, quer sejam por mim gerados. Eu nem por sombra permito que se invada o que é meu. Está filha de uma negra, minha filha, não é nada por ela só tem o sangue, mas não tem por ela a lei: para falar toda a verdade, é minha propriedade (BORBA FILHO, 2007, p. 23).

Aqui observamos os discursos de tantos outros colonizadores que mantinham esse mesmo pensamento de posse sobre seus escravos. Esse texto caracteriza a idealização de como a sociedade brasileira do período escravocrata agia com relação aos povos africanos, especialmente as mulheres, renegando os seus direitos como seres humanos.

Freyre por meio dos seus estudos sobre a cultura e costumes recriados entre os padrões da casa grande e da senzala, buscou compreender como eram estabelecidas as relações nos dois ambientes:

Gilberto Freyre opta por valorizar um Ethos que se garante a identidade cultural dos senhores (é ele próprio quem compara o patriarcalismo nordestino com um dos americanos no sul e os vê próximos) indo os valores da casa grande e da senzala em seus muros. Da moral permissiva dos excessos sexuais ou do arbítrio selvagem dos senhores, que não há passagem para uma sociedade mais ampla nacional (FREYRE, 2000, p. 13).

Ou seja, Freyre procurava descrever os aspectos culturais que irradiavam sobre os costumes étnicos do homem branco com a junção dos povos afro, de modo que em certos pontos o sociólogo trata dos excessos sexuais que ocorriam entre mulheres negras e os senhores da casa grande como um instinto natural de ambas as raças.

Ainda falando a respeito sobre a cultura permissiva que dava sobre o homem o poder de escravizar sexualmente as mulheres negras, também deve ser destacado a fábula que alimenta a crença da raça negra possuir um apetite sexual maior,

justificando os motivos pelos quais os senhores deixavam suas esposas para procurar as negras da senzala: “Senhor: que tem açúcar no corpo qual muitas brancas não tem” (BORBA FILHO, 2007, p.18). Essa narrativa foi por muito tempo romantizada na literatura e ficção e ajudou a se perpetuar não só entre os brasileiros, mas externamente lá fora, aumentando a crença da mulher negra mestiça, que virou símbolo sexual. Portanto, a caracterização dessa imagem sexista em volta da mulher negra foi sendo construída ao longo do tempo e por mais que a escravidão tenha sido findada, se tornou popular erotizar a figura feminina negra.

2.1 O estupro colonial: miscigenação e mulheres negras

Borba Filho insere em sua obra a história de um passado desumano e não muito distante, a partir de uma releitura de Gilberto Freyre nasce a peça *Sobrados e mocambos*, onde vemos a opressão na qual vivenciou o corpo negro feminino. Segundo Ferreira (2019), O autor e dramaturgo da voz aos oprimidos, ou seja, introduz em sua literatura o contraste da vida de muitos que não tiveram a oportunidade de ecoar sua voz pela imposição do regime opressor.

Gilberto Freyre um dos mais importantes sociólogos brasileiros dedicou-se a estudar sobre a história social do Brasil e a sua identidade com base nos reflexos coloniais. Em obras como *casa grande e senzala*, *Sobrados e Mucambos* (a primeira versão), vemos grande parte das suas análises sobre as relações de Senhores e escravas e como funcionava as estruturas sociais na época. Mas, para entendermos um pouco mais sobre a miscigenação e o estupro as mulheres negras, precisamos voltar ao ano de 1500 quando os primeiros portugueses chegaram ao Brasil, uma terra que já era habitada por povos indígenas.

Com a chegada dos portugueses no século XV, iniciava os primeiros capítulos na história da escravidão brasileira, primeiramente com os colonizadores implantando aos povos indígenas uma nova forma de se viver de acordo com os costumes e crenças europeias. Em seguida, com a chegada dos navios negreiros e a perpetuação das primeiras relações de brancos com indígenas e africanos.

É por meio da violência sexual que se inicia o processo de miscigenação no Brasil, ou seja, foi por meio do estupro as mulheres africanas e indígenas que se formou a tão glorificada mistura de raças que parte da violência a mulheres mais

vulneráveis pelo sistema, que não possuíam leis que assegurassem sobre elas o direito sobre o próprio corpo:

A história social da casa grande é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica conjugal solo o patriarcalismo escravocrata e polígono: da sua vida de menino do sincretismo reduzido a religião da família influenciada pelas crendices da senzala (FREYRE,2000, p. 22).

Em outras palavras, a história social do Brasil teve a influência da casa grande e senzala, em que ambos foram responsáveis por formar o sincretismo das raças, onde por um lado estava o berço religioso do catolicismo romano e do outro as crenças africanas. Por este motivo, o lado obscuro por trás dessa ligação é, por vezes, esquecido ou até mesmo ignorado, quando romantizado nos livros sobre a história da construção social do nosso país.

O fato da cultura do negro ter influenciado diretamente a casa grande não abate as circunstâncias geradas aos povos africanos no regime escravocrata. A mulher escravizada era a que possuía maior acesso a família e a casa grande e devido essa proximidade foi se construindo o mito da "mãe preta", quando na realidade existia uma relação de subordinação, trabalho escravo e violência.

Portanto, a ideologia que sustenta a ideia do misto de graças ocasionadas pela miscigenação, no qual prega a imagem de um país onde os povos africanos, indígenas e brancos são iguais perante a sociedade brasileira, na verdade não passa de outro fantasia em torno de uma nação em que seus povos são considerados iguais, mas a realidade mostra um sistema embranquecedor em que os africanos e indígenas são marginalizados e a raça branca é considerada superior a mestiça.

O colonialismo português nas obras freyreanas é, muitas vezes, suavizado pelo sociólogo, pois coloca o colonizador português como um conquistador de terras, que por consequência desfruta das mulheres exóticas do novo mundo, apenas por um instinto comum do homem, mas uma forma idealizada como normal em que a vítima é a aniquilada e considerada como um animal.

A sociedade brasileira foi se construindo em cima de um regime escravocrata, por este motivo, a crença de uma raça superior e dotada de mais capacidades perdurou por tanto tempo no imaginário popular. Os povos africanos, mesmo após um longo período de escravidão, ainda carregam o peso do racismo estrutural que rege o

país. As mulheres negras permanecem lutando para derrubar o regime que sexualiza e marginaliza seus corpos.

Ao longo do período da história da escravidão muito se ouvia sobre os filhos de senhores com as escravas que cresciam nas senzalas e trabalhavam por lá dando continuidade ao regime escravista de suas mães. Gerações de mestiços, como eram chamados, que cresciam como mercadoria dos próprios pais. Sem direito a dignidade e tão pouco a própria identidade, por esta razão a desigualdade social que permeava da casa grande as senzalas se arrastou até a atualidade.

Os direitos da população negra sempre foram minimizados socialmente desde os filhos dos escravizados aos filhos da favela nos dias atuais. Isso concretiza mais um indício de uma sociedade desigual, mas que prega a igualdade de raças e glorifica a miscigenação.

Na época do regime escravista, o patriarcalismo era o precursor da sociedade brasileira, e a opressão feminina era naturalizada, assim também como o autoritarismo do senhor sobre escravo, dando a mulher negra o papel inferior à mulher branca e amplificando ainda mais o abuso e poder do homem branco sobre as mulheres negras escravizadas.

Freyre (2000) destaca, em sua obra, que o papel da mulher negra na casa grande foi fundamental para manter o berço da família patriarcal, sendo a mulher negra a responsável por organizar as principais funções da casa grande, desde o trabalho doméstico a criação dos filhos dos senhores, o que nos leva a perceber a imposição de deveres impostos a elas. Esse posicionamento de Gilberto Freyre é alvo de muitas críticas, pois é por outros autores revestida de um adoçamento em torno das relações entre senhores da casa grande e as mulheres nas senzalas, o que pode causar por via das dúvidas um anulamento da luta e resistência da mulher negra.

Ainda voltado aos estudos freyreanos, vemos a concepção de Gilberto Freyre (2000) sobre a mulher negra como a precursora da construção das relações entre brancos e negros, mas essa contextualização descrita sobre a visão de Freyre em relação a mulher negra escravizada, é por vezes suavizada, visto que não podemos esquecer o passado violento e opressor as mulheres negras.

É possível percebermos também que o corpo em discussão passa da sua condição humana para objeto sexualizado, ou seja, vemos que o corpo da mulher negra era atribuído a multitarefas, ora o trabalho pesado para a casa grande e em outros momentos tinham que satisfazer sexualmente os seus senhores. Dessa forma,

é perceptível que o corpo da mulher escravizada era contraditoriamente usufruído para o trabalho forçado, e violentado para o prazer dos colonizadores.

Portanto, vemos que o Brasil se construiu historicamente com base em todo o sofrimento causado aos povos africanos e indígenas, tendo como estrutura principal a brutalidade ocasionada a mulher negra. A miscigenação é uma prova da dominação do poder do homem branco colonizador que cresceu sobre o corpo negro e esparramou a separação de classes e desigualdade social.

Logo, as circunstâncias geradas por trás desse processo possui total responsabilidade sobre a erotização na qual vemos em torno da mulher negra até os dias atuais, sendo a mestiça a caracterização da mulher brasileira, uma imagem que vem sendo planeada por muito tempo na história social do patriarcalismo brasileiro. Desse modo, restou a mulher preta resistir, mesmo com dois séculos após a escravidão, os direitos das mulheres negras precisam ser constantemente lembrados e cobrados socialmente.

Dessa maneira, a carga de continuar resistindo e lutando por sobrevivência é uma condição da mulher negra mesmo no século XXI. Na interpretação de Bastide (1959), a ascensão social da população negra seria apenas permitida dentro da classe baixa em ocupações de menos prestígio e remuneração, o que consistiria em uma espécie de controle social, assim, a perpetuação da imagem de doméstica é uma realidade social que continua existindo. Dessa forma, esse controle social da população negra serviria para que permanecesse o mesmo sistema subalterno que inferioriza a população negra, dando-lhe o mesmo papel de escravo do Branco.

Por um lado, se a miscigenação brasileira é vista como rica em cultura, pois possibilitou uma diversidade de crenças e artes, como por exemplo, a capoeira samba entre outros costumes e práticas trazidos pelos povos africanos, mas o que seria um símbolo artístico e de resistência permanece limitado a separação de classes. Desse modo, vemos que a teoria da democratização racial é o centro de muitas críticas, especialmente pelas mulheres sociólogas negras que descrevem a partir de suas perspectivas o retrato do Brasil colonial e as consequências desse período para o corpo e história da mulher negra.

2.2 A mulher africana: um símbolo de luta e resistência

É inegável a participação das mulheres negras nas lutas de resistência da população africana. Em muitos relatos feitos sobre a história da escravidão no Brasil a mulher negra aparece à frente, como um suporte pronto para ajudar os seus a se erguerem em meio às barbaras da época. O corpo da mulher negra africana serviu de abrigo para todo o seu povo, através da amamentação acalentou a fome de muitos dos seus que padeciam sobre os castigos severos de senhores, o seu cabelo foi bravamente utilizado para esconder sementes de arroz e feijão para alimentar os quilombos. E assim a mulher negra resistiu e amparou sua raça, tornando-se um símbolo histórico de luto e coragem.

A partir do século do final do século XIX, a população negra passou a desfrutar de uma liberdade a qual não conhecia, e por este motivo não sabia como usá-la. Quem passou a vida no processo de escravidão sem conhecer o direito de ir e vir, muitos permaneceram com os trabalhos nas fazendas dos senhores. Assim, o colonialismo permanecia predominante na sociedade brasileira, na obra de tema principal de nossa discussão, *Sobrados e Mocambos*, temos o retrato dessa sociedade que mesmo após a abolição continuou com o mesmo sistema escravocrata nos sobrados das zonas rurais:

Marcados pelo estigma da escravidão, a elas permaneceram destinados os trabalhos sem qualificação, trabalhos que dispensam inclusive a educação e a instrução, sobre elas pesa, além das diferenças de gênero, também as de raça. O que observamos é que com os papéis sociais "naturalmente" definimos como adequados, os sexos explicativos da condição da mulher negra remetem, primeiramente a sua condição de escrava. Sobre elas recaem tanto as representações em relação ao uso do seu corpo enquanto objeto sexual como aqueles que vem adequado ao trabalho doméstico (SILVA DA CRUZ, 2009, p. 77).

Dessa forma, vemos que o estigma sobre a mulher negra ainda é demarcado sobre a sua condição de escrava, pondo sobre elas papéis que as incapacitam e frequentemente referenciam seus corpos. As mulheres negras são constantemente invisibilizadas nos livros e na história. Isso decorre do sistema patriarcal ainda imposto socialmente que oculta e persegue as mulheres negras, questão essa enraizada habitualmente em nossa sociedade. Por este motivo. o feminismo negro se faz tão necessário, pois a existência das mulheres negras é constantemente ferida pelo regime patriarcal e o racismo estrutural. Ou seja, é também uma questão política no qual envolve raça, gênero e desigualdade social, três teclas que precisam ser

constantemente tocadas para combater a condição de subalternização dada mulher negra.

Segundo Chimanda Adichie (2019), a história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. Assim, a sociedade continua priorizando os direitos dos brancos e minimizando a existência do negro, os reflexos deixados pela escravidão brasileira remanesce sobre as mulheres negras, por consequência disso, o feminismo negro é uma forma de reivindicar o papel da mulher negra na sociedade, desmistificando a imagem erotizada e a pondo no seu lugar de merecimento.

Dessa maneira, compreendemos que o racismo estruturado em nossa sociedade corresponde intimamente a opressão sistematizada e nas relações sociais. A população negra permanece habitando os piores lugares em questão de moradia e emprego, vemos que boa parte da população que vive nas favelas não possuem acesso ao ensino superior, e em relação as mulheres são rotuladas ao trabalho doméstico.

Em *Sobrados e Mocambos* observamos a relação íntima do senhor e seus escravos, o que configura uma relação de hierarquia em que a ordem priorizada comanda o grupo subordinado. Essa organização de poder concentrada na branquitude elitizada reformula a ideia de que embora o sistema escravista tenha sido abolido, a armação social permanece a mesma. Por esta razão, a mulher africana mantém-se como um símbolo de luta que continua resistindo, primeiramente a estrutura social e classista, e também ao sistema patriarcal que oculta a participação da mulher negra como um papel de destaque na luta dos povos africanos.

A análise revertida sobre a mulher africana que a caracteriza apenas na história das relações sexuais com brancos vem sendo derrubada, contradizendo autores e sociólogos que referenciam a mulher negra apenas ao papel de escrava doméstica e sexual:

Dessa forma, as descendentes africanas uniram-se para a reivindicar as suas lutas em particular, sendo as mulheres negras as que mais padecem em meio ao sistema patriarcal. Com a participação e a articulação das mulheres negras em encontros e seminários ocorre uma transformação no feminismo, onde as mulheres negras percebem suas particularidades e demandas, e assim as direciona para o interior do movimento feminista (COELHO, GOMES, 2010, p. 5).

O feminismo negro abrange não só a luta pela igualdade dos sexos, mas também a busca por mudança em um país em que as mulheres negras são as principais vítimas das desigualdades sociais, sendo as que mais morrem vítimas do feminicídio, consequências geradas pelo racismo estrutural.

No capítulo a seguir, abordamos a condição da mulher negra escravizada no século XIX, a partir da obra *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho, levando em conta a construção social da época e a situação da mulher negra enquanto escravizada. A partir disto, analisamos trechos da obra que retratam esse período da escravidão no Brasil e as relações opressoras entre mulheres negras e os colonizadores, considerando o cenário patriarcal em que se passa a história.

3 AS RELAÇÕES DE OPRESSÃO E VIOLÊNCIA SEXUAL: AS MULHERES NEGRAS EM *SOBRADOS E MOCAMBOS*, DE HERMILO BORBA FILHO

Para iniciarmos nossa discussão, é importante salientarmos que a história dos povos africanos é, portanto, parte singular da construção do nosso país. Refletir sobre esse período tão repulsivo da humanidade nos leva a conscientização de que ainda é preciso combater o racismo enraizado em nossa sociedade para que barbaridades como essa não voltem a ocorrer novamente. Pensar no negro (a) africano também é submergir à cultura rica trazida nos navios negreiros para cá, no ser humano na sua forma mais frágil, porém provando sua força e resistência. Os horrores causados na escravidão nos fazem meditar sobre uma sociedade injusta e implantada sob um regime escravocrata.

Segundo Chimanda Adichie (2019), o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva, ou seja, o período da escravidão marcou definitivamente a existência dos povos africanos, pois conseguiu por muito tempo arrancar a dignidade desses povos, reduzindo sua condição humana, os pondo no patamar mais baixo da socialmente.

Se pararmos para refletir sobre a estrutura social brasileira do século XIX e atual, perceberemos que ainda existe muitas similaridades, pois a população mais carente é a com maior número de pessoas negras. As favelas habitacionais, por exemplo, marcam um número muito alto de falta de acesso à educação, saúde e saneamento básico. Mostrando que o poder, embora seja algo que não pertence a um único grupo social, no Brasil ele segue obedecendo uma hierarquia:

É difícil falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkail. É um substantivo que em tradução livre, quer dizer "ser maior que o outro" (CHIMANDA ADICHIE, 2019, p. 4).

A concepção do poder centralizado nas mãos dos colonizadores os dava a percepção de que seriam maiores e melhores, levando novamente a ideia de superioridade tanto na cultura e religião dos africanos como nas dos indígenas, os quais são marginalizados até os dias atuais, ou seja, pensar nas estruturas de poder do branco sobre o negro, é refletir sobre a monopolização da cultura e a existência

dos povos africanos, onde vemos um país que veneram seus deuses em datas específicas, mas é recorde na intolerância religiosa.

Agora, partindo para discussão da condição da mulher negra escravizada e nas relações de opressão e abuso sexual em *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho, tratamos desse mesmo poder exercido pelo colonizador, porém de uma forma mais sensível levando em conta a opressão patriarcal do homem em relação a mulher, sendo a "escrava negra" uma vítima ainda maior nesse sistema autoritarista.

Considerando o poder exercido socialmente, vemos através da obra de Borba Filho, o homem branco colonizador do século XIX como o “carro chefe”, pois requeria de uma autoridade na qual o faz ter posse sobre outros seres humanos, sendo o patriarcalismo considerado a principal armação tradicional do sistema social brasileiro em que o homem exercita a função de maior poder sobre os demais:

O que significa dizer que poder é algo que se exerce, se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social (FOUCAULT, 1978, p. 14).

Dessa maneira, compreendemos que a estrutura social brasileira foi por muito tempo determinada por um lado que exercia o poder sobre outros grupos sociais, embora houvesse tentativas de resistência por parte de muitos grupos africanos, os colonizadores permaneciam a frente, pois detinha de mais influência e recursos, o que garantiria mais tempo no comando do poder social. Agora refletindo na perspectiva da estrutura de poder na qual garantia para os senhores da casa grande o direito de exercê-lo não só política e economicamente, mas também sobre os corpos das mulheres, sendo de uma forma ainda mais brutal e violenta quando se tratava das africanas escravizadas.

No interlúdio “Pai e Filho”, destacamos a rivalidade entre pai e filho, aonde se ocasiona uma disputa pelo direito de posse sobre determinada mulher escravizada. A escolha da mulher em nenhuma hipótese é mencionada, a ela cabe somente obediência aos desígnios dos senhores por uma questão de sobrevivência. A violência, no entanto, se torna maior ainda quando o senhor se revelará pai da mulher escravizada, caracterizando uma opressão que vai além dos limites humanos, pois trata-se do estupro a própria filha. A partir daqui, conseguimos ter uma percepção sobre a condição das mulheres negras na escravidão, pois o cenário da época mostra

que sobre elas não requerem direitos, apenas submissão aqueles que carregavam o chicote.

No século XIX, as relações sexuais ocorridas entre senhores e as mulheres das senzalas ainda era bastante comum. O fato dos senhores se relacionarem com as escravizadas eram tão normalizados culturalmente que ter o triunfo de desfrutar de muitas negras era também distintivo de riqueza e masculinidade do homem. "Conservo meus bons costumes, mesa farta, bons licores, as negras lá na cozinha de vez em quando uma delas eu pego para meu prazer" (BORBA FILHO, 2007, p.12). A partir do discurso mencionado acima, se colocarmos ênfase no "conservo meus bons costumes", entendemos que o corpo discutido em questão é nitidamente categorizado ao uso permissivo do senhores, tornando-se por eles o retrato da sociedade que converteu a imagem da mulher negra ao sexo selvagem, metamorfoseando uma cultura de estupro como algo convencional.

A violência sexual e o racismo estrutural estão presentes em vários aspectos da nossa sociedade. Estimula-se que mais da metade das vítimas de estupro no Brasil são mulheres negras, essa realidade faz parte do processo histórico que decorre da escravização. "A mesa farta e as negras lá na cozinha" como foi colocado no trecho acima, também pode ser assemelhado a comparação do corpo da mulher negra a devassidão por suas curvas serem constantemente enfatizadas ao longo da história, um dos fatores no qual contribuiu para a sexualização das mulheres africanas pela misoginia dos homens da época.

O homem patriarcal possuía a seu favor o comando social, podendo usar de tal privilégio para escolher de diversas formas como dominar as mulheres e ter total influência sobre seus corpos: "O homem patriarca se roça pela forte, mais sexo nobre, mais sexo dominador" (BORBA FILHO, 2007, p. 44). Dessa maneira, é possível compreender que o homem patriarca do século XIX possuía sede de dominação, e conseguir exercer essa dominação no sexo com mulheres mais vulnerabilizadas seria uma forma violenta de demonstrar sua força.

O possível envolvimento de mulheres escravizadas com senhores da casa grande quando não começados de uma forma bárbara tendia a terminar assim, levando em conta a distância social que separava os povos por raças e classes, depreciando as mulheres africanas e seus filhos com homens brancos. Em seguida, vemos a repressão sofrida pela escravizada Luiza:

Foi depois da sabinada que da Bahia fugi, num saveiro todo branco para escapar das torturas do governo imperial. Eu amava aquele moço de boa sociedade minhas noites foram festas, nossos corpos eram arcos e sua flecha rosada me transpassava a gozar. Vi estrelas encarnadas, o mar era um flamboyant e o céu avermelhado, já quebrando as madrugadas nos embalava no amar. Foi então que ele nasceu: meu mulato, meu mestiço; olhos claros da manhã na pele do encantamento (BORBA FILHO, 1979, p. 32).

O governo imperial brasileiro ainda carregava os vestígios do colonialismo português, mesmo após a independência os costumes coloniais junto das torturas que permaneciam pairando sobre a escravização conseguindo gerar sérios embates por busca por liberdade e resistência para permanecer no poder. Na fala da personagem apontada acima, é evidenciado na cena da peça teatral o sofrimento de uma mulher negra que ansiava pela Liberdade, mas era mais uma vítima das estruturas sociais e do escravagismo brasileiro.

As agressões feitas as mulheres negras no regime escravocrata ficaram marcadas em seus corpos e nas suas histórias: " Me prenderam, me surraram, a chama de um candeeiro queimou meus peitos tostados como se eles quisessem sufocar no pobre corpo o brado da Liberdade" (BORBA FILHO, 2007, p. 32). Desse modo, compreendemos que Luiza, a personagem escravizada, é a representação de tantas outras mulheres negras que lutaram pela Liberdade, mas foram torturados e perseguidas.

A personagem Luiza é agredida e humilhada pelos soldados imperialistas. Nesta cena, o leitor pode ter noção das agressões físicas e verbais no qual as mulheres negras sofriam constantemente:

Soldados: agora que tenho as armas na mão e não tenho coração vou desquartar a mulher depois de morta no chão. Luiza: Oi minha Patativa, ô meu curió, Oi quem de mim tem pena, aí, aí, ai, quem de mim tem dó?
Soldado: sai da rua sua negra, sai da rua negra, sai da rua negra, quem manda sou eu, sai da rua negra, em nome de Deus (BORBA FILHO, 2007, p. 33).

Assim, a vida da mulher negra africana foi marcada por restrições e dores inimagináveis, mas persistentes pela tão sonhada liberdade. Segundo Tatiane Simás (2017), as mulheres escravizadas estiveram inseridas em todo o universo do sistema escravista, lutando em todos os espaços para adentrar no mundo dos livres. Luta essa que merece o reconhecimento necessário para no futuro se pensar em um mundo mais igualitário, incluindo as minorias em todos os espaços legítimos da sociedade.

O que leva a refletir sobre a condição da mulher negra de permanecer lutando por igualdade e respeito, mas acima de tudo por sobrevivência. Resistir aos tempos passados que atravessaram o presente e que torna ainda mais palpável o combate a qualquer tipo de discriminação que venha a desqualificar por gênero, classe e raça.

3.1 A condição da mulher negra em meio a sociedade patriarcal brasileira do século XIX

Foucault (1978), propõe uma genealogia do poder, ou seja, buscar reconhecer as origens e as várias gerações nas quais o poder se disseminou, buscando compreender esse funcionamento nas relações sociais. Embora o poder não seja algo que funcione apenas de cima para baixo, onde existe o "dominante" e o "dominado", pois ele acreditava em uma estrutura que é baseada nas relações de poder formando hierarquias específicas.

A família real portuguesa chega ao Brasil no século XIX, fugindo das tropas francesas e, embora tivesse sido proclamado a independência a influência da coroa portuguesa era extremamente relevante socialmente. A vida dos escravizados eram cercadas de muitos trabalhos pesados em propriedades de zonas rurais, mais conhecidas como "sobrados".

A mulher escravizada permanecia exercendo as atividades domésticas e sob o controle dos senhores dos sobrados, tendo como responsabilidade cuidar da casa e dos filhos das sinhás. "Já a mãe preta é a figura de uma mulher negra mais velha que exerce uma função materna, mas que os filhos para quem vão esses cuidados não são os seus" (CRUZ, 2020, p. 41). Desse modo, criou-se a fantasia de que a mãe preta também pertencia a família senhorial, mas embora, existissem os laços de afeto e cuidado, a mulher negra jamais passou dos muros entre a cozinha e senzala.

Era muito comum no período escravagista se falar na mãe preta. Gilberto Freyre (2000) cita em sua obra que a mulher branca era destinada ao âmbito doméstico e a mulher negra era qualificada para exercer o papel de mãe, embora o papel da mulher negra tenha sido essencial na estrutura familiar patriarcal, a sua participação não a classifica como pertencente à família. Ainda cabe ressaltar que os filhos das mulheres escravizadas eram também considerados escravos, retendo dessas mulheres o direito aos próprios filhos: "um filho de uma negra é bicho, vai se

criar por aí". (BORBA FILHO, 2007, p. 31). Nesta passagem, fica nítido a categoria dada aos filhos das mulheres negras que eram considerados como mercadorias.

A maternidade, no caso da mulher negra escravizada era similar a uma forma de castigo, pois um dos requisitos para o preço do corpo da mulher escravizada era a reprodução, o que garantia lucro aos senhores que a comprasse. A gravidez era gerada repleta de muitos trabalhos e fome, o que ocasionava uma taxa muito alta de mortalidade após o parto. No trecho a seguir, o diálogo destacado é entre Luzia (mulher escravizada) e um dos soldados imperiais que castigava a mulher por fugir:

Saldado: então por que foi fazer levantas na sua raça?

Luzia: não basta o que já passei? as torturas que já sofri

Saldado: Que mentira, vejam só! nunca vimos torturar (BORBA FILHO, 2007, p. 32).

Aqui há resistência de Luzia que luta para escapar do regime violento do governo imperialista que persistia no controle sobre os povos africanos, resultando em muitos combates e torturas. Isso significa que a resistência de determinados grupos, como é o caso da personagem, implicaria em uma resposta rigorosa dos imperialistas, findando na morte brutal de muitos deles, sendo as mulheres muitas vezes mutiladas e estupradas antes da morte.

A existência do corpo negro feminino no século XIX era caracterizada a classe inferior, tanto por se tratar de um corpo negro escravizado, como por ser uma mulher, reunindo vários elementos que fugiam do padrão social rigoroso e preconceituoso. Coube a mulher negra também a sobrecarga de cuidar de todos a sua volta, todavia, esses cuidados não se aplicavam a si próprias:

Entretanto o sistema não suavizou o trabalho dessa mulher. Encontramo-la também nas duas categorias de Freitas: a trabalhadora do eito e a mucama. E o que percebemos é que, em ambas as situações coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou irmãos do cativoiro. (LEILA GONZALES, 1978, p.403).

Ou seja, a luta da mulher negra não cabe somente a liberdade, mas ao direito de pertencer, de possuir seu lugar dentro da sociedade, que lhes foram negados por tanto tempo. A sua doação a família senhorial e aos seus demais merece o reconhecimento necessário, visto que, foi através das mãos das mulheres pretas que se criaram os filhos das várias gerações de homens e mulheres brasileiras.

No período do século XIX, era comum o uso de máscaras flandres que possuíam a finalidade de transportar alguns escravizados. A maioria feita de ferro, era colocada na boca para maltratar e sujeitá-los a humilhação, como mostra parte do trecho a seguir:

Entra a negra com uma máscara³ de Flandres estala o chicote e dá uma baforada, tiram a roupa da negra, ela fica nua. A mulher a surra com volúpia. A negra tatuada: arabescos, flores, simbólicos, monogramas, figuras e sinais são azulados e avermelhados nos peitos, no braço, na púbis, nas nádegas, nas coxas (BORBA FILHO, 2007, p. 42)

Aqui vemos as circunstâncias as quais as escravizadas eram submetidas no regime escravagista. O corpo é marcado pela violência e pela opressão que não era apenas reduzido a senhor e escravizada, mas evidenciando que as torturas vinham por partes de todos, inclusive, das sinhás, reduzindo a condição da mulher negra a uma sujeição ainda maior.

Gilberto Freyre (1933) menciona o corpo da mulher negra ressaltando seu porte físico que chama a atenção dos senhores, como se fosse uma característica da raça. Uma conotação que endeusa a mulher negra pelo seu corpo. Essa menção de Freyre é, inclusive, muito criticada, pois também contribuiu para a sexualização da imagem da mulher negra, lhe atribuindo o papel de escrava sexual e devassa.

Um dos mitos circulados em torno da mulher negra na época do regime escravagista era o seu corpo está relacionado a hipersexualidade: " A mulher surrando a negra: surro tudo que puder, surro Cristo, surro a virgem, essas figuras lassivas nesse corpo de pecado" (BORBA FILHO, 2007, p. 42). O fato de o corpo ser correlacionado ao sexo e o pecado foi culturalmente aceito no período colonialista, justificando a perversão dos senhores que abusavam das escravas, e isso servia como ponte para a depravação da imagem das africanas, que iam de vítimas a subjugadas.

Nesse contexto, a sociedade acostumou-se a culpabilizar as negras africanas pela própria erotização violada a imagem delas, já que era por meio das mulheres das senzalas que muitos filhos dos proprietários das fazendas iniciavam sua vida sexual:

³ As máscaras de flandres eram utilizadas como forma de castigo, as mesmas eram feitas a partir de folhas de flandres, que impediam que fosse denunciado os crimes cometidos, e também era uma forma do regime opressor calar os povos escravizados, demonstrando força e poder.

Não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes loiros, estes é que o sul dos Estados Unidos, e como nos engenhos de cana no Brasil, os filhos dos senhores criavam-se desde pequenos ganhões ao mesmo tempo que as negras mulatas para ventres geradores (FREYRE, 2005, p.461).

Ou seja, isso resulta do patriarcalismo estrutural que cria os homens para desde cedo hipersexualizar as mulheres, no caso das africanas os senhores já se criavam como proprietários delas, utilizando-se disso para cometer o abuso sexual. Desse modo, a sexualização tornou-se parte da característica biológica dada aos corpos negros, tendo em vista, a mulher negra como a mulata que é uma referência sexual até os dias atuais, principalmente no período do carnaval como cita Léila González (1984), a mulher negra é atribuída a dupla imagem que vai de mulata a doméstica, o que a torna desejada e endeusada ao mesmo tempo que é violada e desrespeitada.

A representação é gritante quando vemos as personagens Luiza e Sempre viva serem agredidas, estupradas, tal qual reproduzindo a forma em que as mulheres negras eram vistas a partir do período escravagista. A obsessão do Senhor sobre a escrava também marca a violência possessiva do abuso doméstico e paternal: "Direitos eu tenho, posso sobre o corpo sobre a alma daqueles que a mim pertencem, quer sejam por mim gerados, quer sejam por mim comprados" (BORBA FILHO, 2007, p. 23). O estupro partido por senhores as próprias filhas, criadas como mucamas era algo tão comum e inquestionável que pensar em uma sociedade, em que o pai violenta a própria filha e a cria como escrava, é apenas uma parte de tantas outras feridas encobertas sobre o solo da família patriarcal brasileira.

A realidade de muitas mulheres negras filhas de escravas com senhores era seguir o mesmo destino de suas mães, pois filhos de escravos permanecia escravo do mesmo proprietário, por mais que houvesse o parentesco, eram fadadas a se criarem como mercadorias reprodutoras que serviriam para dar lucro e gerenciar os trabalhos da casa, tendo como consequência ser assediadas pelos próprios parentes.

Desse modo, a peça *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho, narra a estrutura social do Brasil no século XIX, tendo em pauta as relações entre os senhores dos sobrados e suas respectivas mucamas, reproduzindo o passado escravagista, a opressão patriarcal do homem em relação às mulheres e o estupro colonizador, responsável por gerar a miscigenação das raças.

A mulher negra e escravizada é representada na obra referenciando a cultura violenta e sexista que oprime e agride de acordo com gênero e raça. Mariana Reis (2019) aponta que a imagem das mulheres negras é historicamente construída a partir da objetificação e negação de seu papel enquanto sujeito político. Ou seja, a obra em questão, abre a discussão em torno da condição da mulher negra no século XIX, partindo por sua circunstância enquanto mulher, negra e escravizada, o que permeia a sua luta por liberdade e seu papel de direito dentro da sociedade, desconstruindo a imagem subalternizada e erotizada.

Desse modo, compreendemos a representação da mulher negra na peça como uma forte crítica as estruturas sociais que permanecem classificando e ressignificando o corpo da mulher negra, de acordo com os mesmos estereótipos criados nos discursos colonialistas. Em virtude, disso as encenações marcam os cenários de tortura e relações sexuais que desencadeavam os laços entre senhor e escravizada.

A peça também narra a influência do patriarcalismo sobre a família da casa grande e a senzala mostrando o homem como o maior representante no comando social: "O homem faz da mulher com seu patriarcalismo criatura diferente mais possível da dele" (BORBA FILHO, 2007, p. 40). Dessa maneira, as mulheres brancas (senhoras e sinhazinhas) eram destinadas a função de procriar os filhos dos senhores sem poder exercer nenhuma vontade sobre seu corpo e sua vida, já as mulheres negras cabiam ao trabalho excessivo físico nas casas grandes, restando para elas a devassidão dos senhores que exercia o seu poder saciando seus corpos ao mesmo tempo que era ironicamente maltratado.

Desse modo, estendeu-se a fantasia de que a mulher branca deveria ser recatada e angelical, servindo-se do sexo apenas para a procriação, enquanto a mulher negra seria a válvula de escape dos homens, pois estariam sempre dispostas como característica referente a sua raça. Relacionando a essa alusão criada em torno da mulher negra, a peça traz a personagem Sempreviva que categoriza essa simbologia feita sobre a escravizada na época. A personagem aparece em cena representando essa figura sexual particular dos senhores da casa grande, o que nos leva novamente a discussão do corpo negro feminino ter sido categorizado na história da escravidão apenas com uma conotação de escrava doméstica e vulgar, ocultando sua posição política e fundamental para a luta pela liberdade.

Cabe ressaltar que a presença da mulher negra nas revoltas dos escravos era indispensável, porém esta participação é constantemente excluída na própria

literatura, o que ajuda no processo de apagamento da mulher negra enquanto sujeito político e capaz. O silenciamento da mulher negra é reproduzido na obra na seguinte cena: "Entra a negra com a máscara de Flandres, estala o chicote, dá uma baforada". (BORBA FILHO, 2007, p. 41). Assim, essa simbologia do silêncio é representada quando o sujeito branco impõe um objeto de ferro para ferir, impedir uma pessoa escravizada de exercer seu direito de fala. Ou seja, refletir sobre o poder da fala feminina negra é também uma forma de protesto e denúncia social, visto que, por tanto tempo esse direito foi ocultado do alcance das mulheres negras. O que significa dizer que a fala da mulher negra tem o domínio de nos levar a compreender parte da história desse país, o que poderia ferir a imagem do homem branco enquanto o sujeito opressor.

A escrava Luiza é descrita na obra da seguinte maneira: fugiu desde o dia 13 de agosto do corrente ano a escrava Luiza, com os sinais seguintes: alta e bem feita de corpo, tem dentes limados e perfeitos, quando fala com medo é bastante gaga. (BORBA FILHO, 2007, p. 41). A forma pela qual a mulher é detalhada por suas características físicas demonstra a maneira como as escravas eram escolhidas na compra, o senhor basicamente reproduzia o ritual parecido a forma como é escolhida a carne no açougue, dessa forma o corpo negro feminino foi submetido as mais diversas formas de humilhação. Desse modo, considerar o papel representativo da mulher negra está longe de retalhar o passado de exploração e silenciamento, no entanto, é uma forma de abranger os nossos conhecimentos sobre uma história de luta por uma sociedade mais justa.

Na segunda metade do século XX, ocorreu um movimento da chamada pragmática, que advém da capacidade de compreender a intenção do locutor ao se comunicar, ou seja, a linguagem passa a se designar também como prática social: "A linguagem tem este poder subversivo: neste sentido é mister que as histórias que devem ser contadas agora são aquelas que foram silenciadas pelo poder dominante" (VANESSA PINHEIRO, 2021, p. 210). A linguagem seria como uma forma de reivindicação social, pois permite que as vozes que foram silenciadas durante tanto tempo deem vez as ancestralidades das mulheres africanas, permitindo que suas experiências de vida sejam relatadas como forma de respeito e resistência.

Através de tudo que já discutimos até aqui, compreendemos que as relações de opressão a mulher negra parte dos resquícios da cultura colonialista que se serviu do corpo negro de várias formas tanto nos trabalhos forçados como pela exploração

sexual. Em virtude disso, o sistema patriarca que condicionava a família senhorial, e os homens utilizavam-se disso para a dominação do gênero feminino, sendo ainda mais cruéis em relação a opressão subalternizada em que sujeitavam as mulheres africanas.

Portanto, a reflexão gerada em torno do poder colonial se faz necessário até os dias atuais, pois a cultura de sexualização que discrimina a mulher negra continua fazendo parte da nossa estrutura social. O racismo ainda precisa ser combatido diariamente através das lutas do movimento feminista negro. Segundo Heloísa Buarque (2019), o feminismo negro foi o movimento que introduziu os contratos raça e classe no debate feminista, ou seja, permitiu o questionamento em torno desses dois temas tão complexos e tão necessários, pois o sistema patriarcal que oprime todas as mulheres, vitimiza a mulher negra a uma posição ainda mais inferior, renegando sua condição humana.

As raízes do colonialismo dominante ainda estão implantadas sobre o território brasileiro, o que explica a tamanha desigualdade social que influencia na negligência em torno das comunidades negras e, conseqüentemente, contribuiu para o procriamento da cultura do estupro, o que canaliza o poder do homem sobre o corpo feminino negro e a impunidade dessa violência, que infelizmente, percorre os séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa que é destinada a análise das relações de opressão e exploração sexual ocorridas entre senhores da casa grande e mulheres negras escravizadas na peça teatral *Sobrados e Mocambos* de Hermilo Borba Filho, possuía o objetivo de entender como intercorre essa violência ao corpo da mulher africana, de modo que se naturalizou socialmente, tendo em vista a nossa preocupação em refletir sobre a condição da mulher negra no período escravagista do século XIX.

Acreditamos ter alcançado as indagações propostas com base nas releituras de Freyre (2000) ao qual nos auxiliou a interpretar de maneira mais clara como era estabelecido na sociedade brasileira do século XIX e as relações entre casa grande e senzala, com o âmbito voltado a senhor e escravizada. A partir das dos estudos feitos por Leila Gonzalez (1984), também foi possível compreendermos o silenciamento e sujeição ao qual o corpo da mulher negra foi submetido historicamente e os reflexos do colonialismo implantados ainda na atualidade. Foucault (1979) e Chimanda Adichie (20009) também contribuíram de maneira positiva com a nossa pesquisa, possibilitando a reflexão sobre as relações de poder imposta socialmente e nos fazer entender de como esse poder é tido na esfera social e histórica, visto que, influencia diretamente nas relações de senhor e escravizada.

Com base nas investigações realizadas até aqui, compreendemos que a vida da mulher africana foi e continua sendo apontada pelos mais diversos tipos de aspectos negativos, que advém das estruturas racistas e sexistas do sistema social brasileiro, que decorre do colonialismo e patriarcalismo implantados pelo regime escravagista. Dado que comprova que o Brasil é um país socialmente racista e culturalmente misógino, pois enaltece a imagem da mulata quase que folcloricamente, caracterizando a sexualidade e o corpo da mulher negra e, em outros aspectos, a condicionam a escrava doméstica.

Portanto, a nossa pesquisa ressalta a relevante e necessidade de permanecer discutindo sobre os acontecimentos marcados pelo escravagismo, excepcionalmente quando se trata de um corpo que foi historicamente oprimido e violentado, fato que designou a história da mulher negra definitivamente.

Diante do que já foi relatado aqui, sobre a obra *Sobrados e Mocambos*, podemos novamente destacar a importância artística e cultural dessa peça escrita por Hermilo Borba Filho que permitiu que parte da construção social desse país fosse

revista por públicos mais jovens, contribuindo para a conscientização de problemas que até hoje temos como: questões sociais, de classe, violência sexual e silenciamento da mulher preta.

Em meio às contemplações realizadas em nossa análise, compreende-se que o contexto histórico brasileiro é carregado de vestígios deixados pelo colonialismo português, e permitir que questões como essas sejam analisadas no meio acadêmico e científico, é uma forma de reivindicação do direito e voz de tantas mulheres que foram apagadas pelo regime impostor.

A luta atualmente continua sendo por liberdade, liberdade de SER, de ir e vir, liberdade de um corpo que foi e ainda é constantemente erotizado, retratar na arte e na literatura a posição da mulher preta e a sua resistência, remete a importância da representatividade. Que no futuro e também no presente, obviamente, possamos ver as mulheres negras como protagonistas.

Para finalizar, compreendemos que as personagens da peça *Luiza e Sempreviva* trazem a mais íntima das relações de abuso e exploração sexual, pois referenciam ao sofrimento escancarado de seres humanos, ou melhor, mulheres que foram discriminadas e torturadas, deixando apenas o legado de uma vida de repreensões e resistência. Portanto, acreditamos ter alcançado os nossos objetivos que eram designados a dissertar sobre a condição da mulher negra em meio a uma sociedade patriarcal do século XIX a partir da peça *Sobrados e Mocambos* de Hermilo Borba Filho; e identificar as relações de abuso e exploração sexual entre senhores e mulheres negras na peça.

De modo que foi possível refletir sobre todos esses questionamentos com base nas problemáticas da obra, que representou a sociedade brasileira do século XIX, juntamente com o regime da escravidão e a opressão patriarcal, possibilitando que adentrássemos na esfera do Brasil dos sobrados e dos “mandos e desmandos” como é citado na peça.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BORBA FILHO, Hermilo. Sobrados e Mocambos. *In*: ALVES, Leda; REIS, Luís Augusto (Org.). **Hermilo Borba Filho**: Teatro selecionado. Rio de Janeiro: Funarte, 2007.
- BRASILEIRA. **VII Jornada Internacional políticas públicas**. São Luiz/ Maranhão, UFMA, 2015.
- CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e EAGLETON, Terry. **Como Ler Literatura**. Tradução de Denise Bottmann. 1º ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. **O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. VII Jornada Internacional políticas públicas, São Luiz/ Maranhão, UFMA, 2015.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- FERREIRA, Beatriz Pazini. **A literatura hermiliana popular e contestatária: entre velas da polifonia e do silêncio**. Revista Moara, 2019. Disponível: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9498> . Acesso em 10 de março. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- LINHARES, Kleiton. **O Corpo Da Mulher Negra: A Dualidade Entre O Prazer E O Trabalho**. IV Simpósio Internacional de Educação Sexual, UEM, 2015.
- REIS, M. de O. (2019). **O pacto narcísico da casa-grande: a representação das mulheres negras a partir de Lélia Gonzalez e Gilberto Freyre**. Humanidades Em diálogo, 9(1), 93-101. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2019.154274>. Acesso em 10 de mar. 2023.
- RODRIGUES, Carla; BORGES Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.
- SILVIA, Maria da Penha. **Mulheres Negras: SUA PARTICIPAÇÃO HISTÓRICA NA SOCIEDADE ESCRAVISTA**. v.1, n.1, Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, 2010.
- VAREJÃO, Adriana... [et al.]. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.